

Maria de Lourdes:

Aqui vai o excelente texto de
sua intervenção no Seminário
Paulo Treine que retiramos da
Fundação Cuidar o Futuro
na certeza de que diremos que
foi transcrita do s/ intervenções
oral.

Uzei quando a lioes Ticho →

PS - Anexo a uma pg. publicação
e algumas das intervenções
vamos inserir um vídeo
sobre o ~~work~~ ^{work} - que trata toda
a gravagem do Paulo Freire
cedida pela Unesco.



Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação
Universidade de Lisboa

**SIMPÓSIO
PAULO FREIRE**

Fundação Cuidar o Futuro
Lisboa, 12 de Março de 1998

Intervenção Eng^a Maria de Lourdes Pintasilgo

A ACTUALIDADE DE PAULO FREIRE

INTRODUÇÃO

Ao tomar a palavra nesta sessão, faço-o invadida por uma grande saudade e um profundo reconhecimento.

Saudade do Paulo Freire, tão despretensioso, tão fora dos rituais dos homens que precisam de parafernálias para serem importantes... Esse brasileiro que diz que nossas sintaxes são diferentes porque diferentes são as nossas estruturas de pensar... É certo que ele também diz que mutuamente nos cansamos... Paulo Freire é para mim um exemplo vivíssimo do que caracteriza os brasileiros (talvez em oposição àquilo que, em nós, portugueses, o cansava): um pensamento tão empenhado, tão vivido, com a voz, com os sentimentos, com os gestos, que parece que em cada momento as palavras estão nascendo novas - e, ao mesmo tempo, emoções tão fortes, sensações tão transbordantes que magicamente se convertem em ideias e em pensamentos que são contagiosos e apaixonantes... Amigo? "estatisticamente morto" nos EUA.

Um profundo reconhecimento também. Nos anos 60 havia "maîtres à penser" e no meu universo super-povoado, eles conversavam entre si; os seus pensamentos, as suas teorias circulavam de uns para os outros... Vinham-me alguns das ciências ditas exactas Einstein, Schrödinger, Max Planck, Nich Bohr... Das ciências humanas Edgar Morin, Alain Touraine, Gregory Bateson, Martin Buber, Ivan Illich,





e outros igualmente alternativos... Do cristianismo que fizera o melhor do Concílio Vaticano II, vinham Congar, Schillebeckx, de Lubac, Karl Rahner, Moltman, Metz, Chenu... E de repente, nesse universo a um tempo de teoria e de investigação, de estímulo e de indescritível prazer intelectual, irrompe Paulo Freire. Cada aspecto do seu pensamento deslumbrava-me pela forma simples, "óbvia" das suas propostas. Esse deslumbramento nunca cessou. Não foi indiferente à minha intervenção política. Daí o reconhecimento a que é dada esta possibilidade de se tornar público.

A ACTUALIDADE DE PAULO FREIRE

Quando olhamos as notícias do quotidiano, somos levados, pelo efeito necessariamente redutor dos media, a atribuímos causas e a prevermos efeitos num enredado simples em que, dum lado estão os bons e do outro lado os maus. (Não sei, de resto, se esta pecha nos ficou da Guerra Fria ou do saudável e hiper-ingénuo mundo dos "Western"...). Só que o mundo não é assim.

Quem será capaz de explicar hoje as fases sucessivas da desintegração da Jugoslávia? Pois não há ainda quem julgue que, na Bósnia, os dominados eram os muçulmanos e os dominadores os sérvios? Como equacionar hoje essa problemática em cascata cujas raízes vêm de antiquíssimos e insuspeitados conflitos, costumes, antagonismos?



Ou como interpretar a alternância de massacres entre Hutus e Tutsis, sem imediatamente atribuir aos colonizadores de breves anos a preferência pela população minoritária, fazendo-a seguir de uma reviravolta incompreensível?

Num e noutro caso, onde estão as causas cujos efeitos, num ciclo infernal, se transformam em novas e contraditórias causas?

E na economia mundial quantas interrogações! Como explicar que um só país - cuja capacidade científica e técnica não deixava dúvidas - seja de repente o que recebe do FMI mais do que foi, em termos reais, a ajuda do Plano Marshall a uma Europa devastada pela guerra? Mas, mais ainda, que floresta de enganos é essa economia mundial, que levaria a ajudar com uma soma quase idêntica um dos maiores ditadores do Sudeste Asiático, enquanto impôs a toda a Europa Central e de Leste o imperativo da democracia, como condição para qualquer ajuda? Que fantasmas habitam ainda o chamado Club de Paris para continuar a sustentar uma economia que lhe servira de escudo contra o comunismo no Sudeste Asiático?

Estes dois universos - o das relações políticas dentro de Estados e o das relações económicas entre Estados - não podem ser explicados por relações causais sem ambiguidade. Assistimos, isso sim, a um entozamento de causas e efeitos múltiplos. Cada questão não é uma só questão: é o ponto de intersecção de outras questões. Reproduzem-se, interactuam, interagem, essas múltiplas causas e efeitos. E na compreensão de que tudo no mundo vive, do grau mais



local ao mais global, esta multicausalidade, encontramos Paulo Freire.

Com ele, teríamos de encontrar o léxico usado e o seu significado - ou o que se esconde por trás dele. Teríamos de descodificar essa situação incompreensível e tentar ver as suas diversas componentes. Teríamos de revelar o que, na aparente fatalidade, é decisão, vontade de muitos, de alguns, ou de um só. Iríamos tocar na cidadania e na democracia. Mas não o poderíamos fazer de fora, apenas como espectadores atentos. Teríamos de entrar num imenso processo da nossa conscientização, hoje, quaisquer que sejam as nossas actividades. Não haverá tempo para muitas outras e boas coisas mas a esta tarefa nossa não podemos escusar-nos.

É para mim uma causa de espanto descobrir que, quanto mais tempo passa, mais se torna actual o pensamento de Paulo Freire.

Hoje, nós, os cidadãos do Brasil, queremos que a economia e a política nos obedeçam, porque somos nós que construímos a democracia. Sem democracia somos simples servos, escravos da lógica do apartheid social.

A humanidade só pode aceitar os processos - económicos, sociais, políticos ou culturais - que incorporam toda a população.

Não podemos aceitar mais que estes mecanismos imaginados pelos



homens (porque não foi Deus quem criou a economia...) sejam considerados modernos, racionais, lógicos e científicos.



1 - Dizer alguma coisa de Paulo Freire, sobre Paulo Freire é partir do conhecimento vivido das suas (e nossas) primeiras experiências, é eventualmente falar da sua filosofia enquanto fundadora de uma pedagogia que transborda dos muros da escola, é ligar a sua vida às nossas vidas e aos múltiplos lugares onde os códigos não nos são acessíveis para descobrirmos novos caminhos de aprendizagem. (92: "população":o que evoca?)

Mas hoje neste fim de século que fecha um ciclo da história da humanidade, falar de Paulo Freire é sobretudo tentar descodificar os grandes desafios que o tempo nos põe. Seremos nós capazes de reconhecer esses desafios?

Fundação Cuidar o Futuro

O mundo vive uma gigantesca ebulição de ideias. De repente, uma palavra, uma "expressão nova" dá origem a cumplicidades insuspeitadas, faz surgir esperanças que julgávamos adormecidas.

Como é possível pensar que estamos no fim da história, se ela mal começou? Se não sabemos lidar ainda com o mundo de hoje e muito menos com o de amanhã? Hoje, um quarto da população mundial vive em condições infra-humanas. Hoje há mil milhões de analfabetos. Amanhã (década de 2040), se nada fizermos, um terço da população mundial não viverá uma vida humana digna de ser vivida. Amanhã (2020-40), haverá 2 mil milhões de analfabetos.



Hoje, é este o desafio global que reconheço.

2 - Novas ideias e novas teorias irrompem em variados campos e domínios. Mas contrariamente aos anos 60 e 70, já não são englobantes. São fragmentadas, existem dentro do seu campo próprio e por aí ficam. Apontam, no entanto, não apenas para o domínio cognitivo, para a teoria do conhecimento. Hoje, muito mais e de outro modo, têm uma interdependência intrínseca com o social, o económico, o político, o ético.

E aqui se alarga, globalizando-se, uma das fundamentais convicções de Paulo Freire: nenhum conhecimento é neutro. Ao dizê-lo aqui, neste contexto, esta afirmação é - suponho-o - um lugar comum. Mas nunca é demais repeti-lo.

Por isso, aquilo a que chamo a nossa "literacia" planetária é urgente. Nela se joga a qualidade de vida de todos os seres humanos hoje; nela se decide a guerra ou a paz (que destruirá, por exemplo, ainda mais vidas no Iraque que conheci como país laico e com igualdade de direitos entre homens e mulheres); nela se joga a nossa capacidade de conviver com o planeta, usando novas lógicas de produção e consumo; nela se joga a possibilidade radical de sobrevivência da vida humana e do próprio planeta na sua biodiversidade.

Gostaria de ver, nesse grande projecto de literacia planetária, todos os que trabalham os conceitos fazerem as perguntas dos primeiros "círculos culturais":

- onde?, como?, porquê?;
- o que é preciso mudar?;



- e com que instrumentos?

3 - No termo desse primeiro processo, já o objecto de investigação se apresenta como outro. Não se trata de averiguar, no laboratório, o carácter repetitivo do fenómeno, para que a lei que o sustenta se possa afirmar. Trata-se, sim, de proceder por círculos sucessivos de complexidade.

E o que é a complexidade senão essa tão forte ambição do pensamento de Paulo Freire de descobrir, desvendar, revelar as articulações entre as coisas, entre factos e seres, entre a pessoa e a sociedade?

Porque se uso verbos que exprimem o retirar do véu, da venda, do que cobre, é justamente para acentuar o que de apaixonante tem a filosofia de Paulo Freire, num tempo em que a informação não permite pensar, em que a escola não tem espaço para inventar, onde a política não parece ter apetência para inovar.

"A complexidade é, antes do mais, o esforço para conceber um desafio incontornável que o real lança ao nosso espírito", diz Morin.

Ora o real tem múltiplas modalidades e nenhuma delas pode ficar de lado. Por isso tanto conta, em Paulo Freire, a reflexão filosófica, a afirmação - quase apotema -, como conta a história que aconteceu em Genebra ao filho mais novo. Viajar nessas modalidades diversas de captar e ouvir o real é um dom do espírito - como outros têm o dom da música. Mas não é só um dom. É uma ciência que se aprende, é uma atenção que se multiplica, é uma extra-sensorialidade que se exercita. Porque só ela pode entender



a extra-territorialização social de todos os domínios do conhecimento e da acção que a nossa época traz consigo.

4 - É evidente que estou a tocar em elementos fundamentais do conhecimento. Antes do mais a inter-disciplinarietàade, ou melhor dito, os "entre-saberes", na feliz expressão de um livro da UNESCO com esse título.

Fugiram dos seus lugares tradicionais os "saberes de sabedoria" que, em conjunto, orientavam a vida humana. ficaram os "saberes da tecnologia", mesmo que, ao dizer "tecnologia" indique territórios como os da própria filosofia.

Para se afirmarem como ciência, sectores inteiros do conhecimento profundo da realidade erigiram-se, na sua convicção de autonomia, em domínios verticais, impenetráveis e, por sua vez, incapazes de penetrarem a realidade.

Face aos grandes desafios postos à humanidade são, do ponto de vista conceptual, os maiores obstáculos a um conhecimento holístico e integrador de vários aspectos da realidade.

A possível síntese das Conferências das Nações Unidas que determinaram o que seria a agenda global para o século XXI está bloqueada por essa tendência generalizada que separa, distingue, compartimenta os saberes e os feudos em que se constituem.

Quando Paulo Freire incita a contextualizar cada saber, o que ele evoca é o conhecimento transversal que liga, que interage, que cria sinergias e leva a atingir o momentum requerido para uma acção eficaz. (Ex: cibernética, computadores, ordens dadas a sondas e



estações espaciais a milhares de Km's de distância; para além disso, articulação com a astrofísica, com os mais recentes instrumentos matemáticos, com as condições do metabolismo humano fora da lei de gravidade: onde estariam os Appolos, os Challengers, os Mirs e até a nossa modesta Ariane?)

5 - Estou falando alternadamente de "conhecimento" e de "realidade" . E faço-o porque entre os dois circula o sujeito que "conhece" e que está situado na "realidade".

Na fragmentação dos saberes, tenho encontrado, com demasiada frequência, a separação entre o sujeito que detém uma parcela do conhecimento e o seu reconhecimento de que nada conhece da realidade. Nunca fora tão longe o divórcio entre o que tradicionalmente se chamou "teoria" e "prática". Nunca, por isso, foi tão necessária essa ligação sem rotura entre uma e outra de que Paulo Freire fez um dos elementos-chave da sua filosofia.

Reconheço no pensamento de Paulo Freire a novidade, a capacidade de elaborar uma nova conceptualização. E essa possibilidade vem do seu profundo enraizamento na prática. Nesse enraizamento, Paulo Freire está ao lado dos grandes nomes deste século que trouxeram novas teorias, novos sistemas de interpretação - desde a estrutura do mundo material até ao funcionamento do espírito humano.

Mas quero acentuar que se trata sempre de articular a teoria de hoje com a prática de hoje: não se trata de fazer arqueologia do saber, não se trata de explicar, pela teoria, o que a prática foi



mas sim de animar, por dentro, a prática que se realiza hoje e de
a partir dela, esboçar uma nova elaboração teórica.

Há um aspecto específico dessa relação que é importante salientar.

A completa separação entre teoria e prática caracterizou ainda os anos 50 (pois não havia aulas teóricas e aulas práticas, feitas, pelo menos no meu domínio, para distinguir a hierarquia dos diplomas dos mestres e para impedir que crescesse o verdadeiro conhecimento?)

Depois, o ideal revolucionário fixou-se na convicção de que uma teoria articulada mudaria a prática. Em certos meios, nomeadamente no cristianismo social, pensava-se que já não era suficiente que mudasse o modo de pensar (as mentalidades, como então se dizia). Era preciso mudar as estruturas. (Aí se encontraram os revolucionários e os cristãos sociais - e Paulo Freire é disso um exemplo claro). Foi o período da expectativa nas grandes mudanças.

Mas, uma vez transformadas, as estruturas cristalizavam, ficavam presas a ideias ultrapassadas. Perpetuavam-se numa ânsia desesperada de permanência. Tornavam-se facilmente correias de transmissão de dogmas rígidos ou côrtes treinadas no culto da personalidade. Escravizavam em vez de libertarem.

E veio uma nova vaga. Reconheceu-se então o que era evidente nas ciências físicas e sociais: o processo é constitutivo da estrutura viva. Toda a explosão, se não fossilizada, vive em



constante encontro, desencontro, reencontro dos elementos que a constituem. São explosões anárquicas e espontâneas, * ou desenvolvimentos longamente discutidos e deliberados. É o "processo".



Passou-se do "tudo é estrutura" para o "tudo é processo". Ao absolutizar o processo atingiu-se a quintessência da passividade e da mediocridade no desencanto nunca discreto do "consenso".

A esse processo sem visão nem rasgo, Paulo Freire trouxe a exigência de, no seu termo, se encontrar a acção que responde a mais do que à aspiração de um só, aquela acção que é afinal a constante interacção da estrutura e do processo. Nem a estrutura, que se mantém incólume porque o problema ainda está em "processo" (ou em estudo!), nem o processo, que cai na implosão porque a estrutura o rejeita como corpo estranho a perturbar a pacífica continuidade do status quo.

Fundação Cuidar o Futuro

6 - Mas voltemos ao sujeito que "circula" entre conhecimento e realidade. Como se revela o sujeito?

O que a filosofia de Paulo Freire exige é a acção com sujeito, sujeito capaz de dizer "eu". (Quantos "eus" se escapam e se escondem atrás de expressões como: "o Governo pensa que..."..."o Conselho Directivo decidiu que...").

Não é a reivindicação de um Copuyright narcisista. Mas o deixar que todos os níveis da vida pessoal sejam atravessados pela exigência de permitir que venham à superfície o que na pessoa existe de profundamente singular. Paulo Freire é aí, sem o ter



querido, um admirável discípulo de Freud: ele sabe que, na nossa pequenez e vulnerabilidade, o único instrumento concreto que possuímos e podemos manejar é o nosso próprio eu.

Que tremendas exigências para deixar advir o sujeito!

Limito-me à exigência da palavra, não da que resulta unicamente do estudo aturado mas da que vem da prática reflectida, assumida, repensada, analisada.

Se há um método em Paulo Freire, ele consiste na criação de um contexto em que se possibilita para cada um a vinda à palavra. E quantas formas de lhe escapar! O falar "difícil", por exemplo, que é o mesmo que só falar uma língua - e como não há promessa de Pentecostes, não é provável que cada um dos que ouvem entenda essa linguagem na sua própria língua!

Para que outros possam advir à palavra, é necessário que a atitude dialógica permeie tudo. Como escrevi no prefácio do excelente livro que hoje vamos festejar, Alain Touraine afirma sem ambiguidade:

"Sujeito é palavra, e o seu testemunho é público, mesmo se ninguém o pode ouvir ou ver."

